

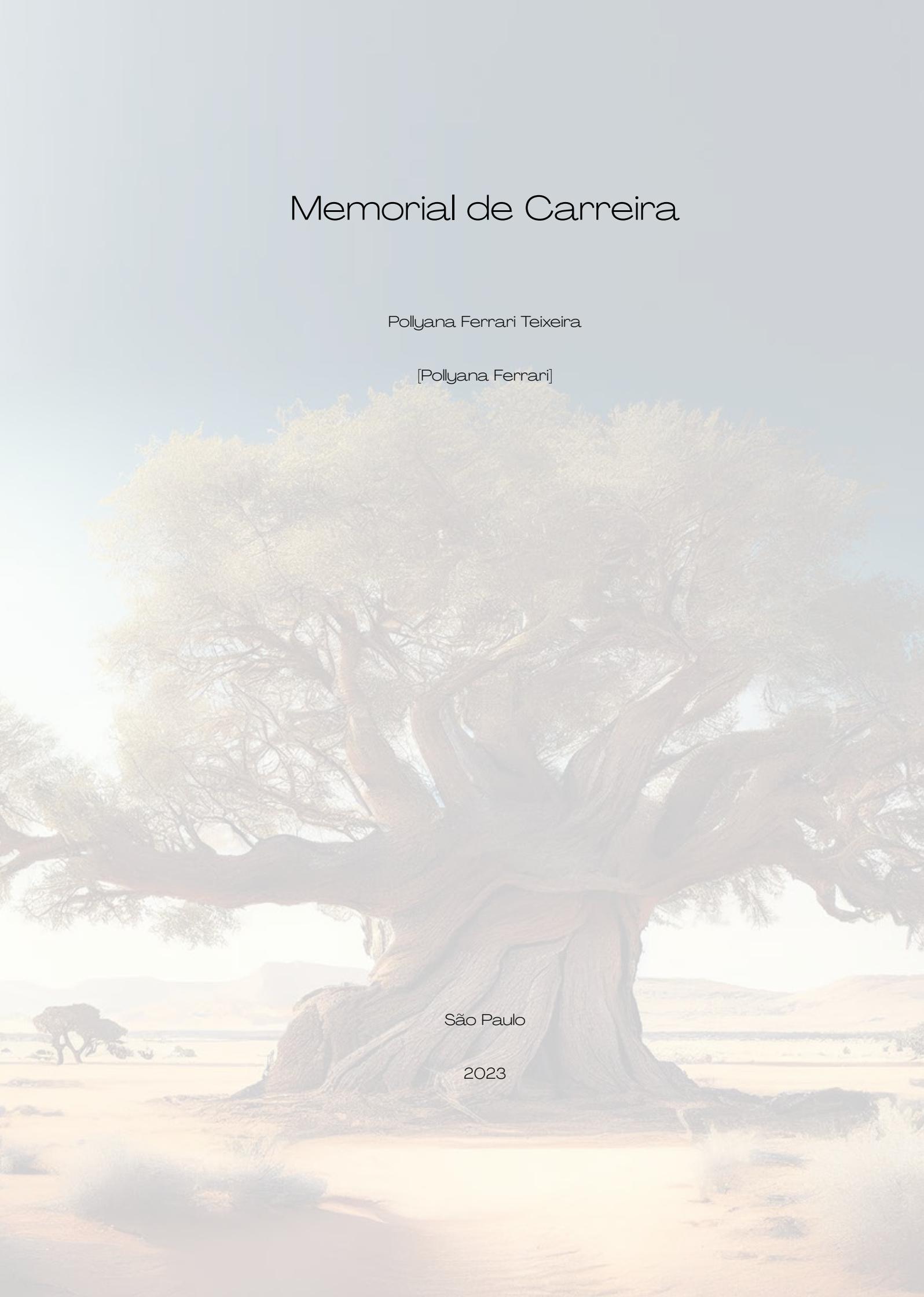
Memorial de Carreira

Pollyana Ferrari Teixeira

[Pollyana Ferrari]

São Paulo

2023



Índice de Figuras

Figura 1: Esboço gráfico para capa de livro criados por IA generativa.

20

Figura 2: Boletim escolar do Dom Bosco e convite da Primeira Comunhão.

25

Figura 3: Olivetti Lettera, companheira há mais de 30 anos, parceira de exercícios sobre a presença.

27

Figura 4: Lauda do jornal DCI, meu primeiro emprego como repórter. Na anotação, escrita à mão em verde, relembro um bilheto do meu companheiro Maurício Bonas, que me ensinou a escrever e partiu muito cedo em 2019.

29

Figura 5: print de tela do chatbot Eliza.

31

Figura 6: dois exemplos de reportagens de Pollyana Ferrari, publicadas no Estadão no início dos anos 90.

33

Figura 7: Steve Jobs durante MacWorld em 1997.

36

Figura 8: Capa da revista Época.

37

Figura 9: O mascote do portal IG

38

Figura 10: Jornalismo Digital ganha versão ampliada e revisada em 2010. Seis anos depois, Comunicação Digital na era da Participação (Editora Fi, 2016) avança nas pesquisas do digital.

40

Figura 11: Tese de doutorado defendida em 2007 na USP e disponível para download em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-06052009-143113/pt-br.php>.

44

Figura 12: Participação no 34 Encontro Nacional de Editores de Livreros da Câmara Brasileira do Livro (2006), onde debati o Jornalismo Digital.

44

Figura 13 Capa do livro Hipertexto, Hipermissão

45

Figura 14: Crachá de participação da Primeira Campus Party Brasil.

47

Figura 15: Crachá de professor do MBA da ABERJE e print de tela do website do programa TIDD.

48

Figura 16: printscreen de tela do documentário Transcrever (YouTube).

49

Figura 17: Capas dos livros A força da Mídia Social e No tempo das telas.

52

Figura 18: Girafa de pano.

59

Figura 19: Capa do livro Como sair das bolhas (Educ, 2018) à esquerda. Big Data e Fake News na sociedade do (des)conhecimento. Carlos Toural, Gabriela Coronel e Pollyana Ferrari (Orgs.). (Ria, 2020), à direita. A tradicional relação entre a sociedade e a notícia se transformou, especialmente com o advento da web 2.0, que levou a todos a possibilidade de construir os seus próprios espaços midiáticos e disponibilizar conteúdos. Sem um olhar crítico, possibilitou o agravamento de algo que sempre existiu: a notícia mentirosa.

61

Figura 20: Folder de lançamento do e-book Fluido, fluxo durante o congresso ABCIBer em Juiz de Fora.

63

Figura 21: Manual PUC CHECK.

65

Figura 22 Capa do livro Flagelos da desinformação.

66

Figura 23: Capa do livro Descolonizar pelo afeto.

67

Figura 24: Aceita um cafezinho, mãe?

67

Sumário

FORMAÇÃO E DADOS PESSOAIS

11

PROJETOS DE PESQUISA

15

Minhas pesquisas em andamento

16

BANCAS E CITAÇÕES

21

Apresentação

23

2023

Colonialismo, IA e desinformação

23

1970- 1980

Voltando as origens

25

Correspondente nos EUA

35

2002
Mestre em Ciências da Comunicação pela USP

39

Remix Narrativo

46

Desinformação e outros males

62

FORMAÇÃO E DADOS PESSOAIS

Nome: Pollyana Ferrari Teixeira.

Cargo: Professor Assistente Doutor

Nacionalidade: Brasileira.

Endereço: Faculdade de Filosofia, Comunicação,
Letras e Artes (PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo, SP.
CEP 05014-901.

Departamento de Comunicação.

e-mail: pollyana@pucsp.br

cv lattes: [http://lattes.cnpq.
br/8066660068004635](http://lattes.cnpq.br/8066660068004635)

ORCID: [https://orcid.org/0000-0001-6090-
1626](https://orcid.org/0000-0001-6090-1626)

2007: Doutorado em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, Mercado e Tecnologia.

Conceito CAPES 4

Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP)

A rizomática aventura da hipermídia

Orientador: Prof (a). Dr (a). Elizabeth Nicolau Saad Corrêa

Palavras-chave: rizoma, narrativas, internet, hipermídia

Área: Comunicação, cibercultura, jornalismo.

2002 – Mestrado em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, Mercado e Tecnologia (ECA/USP)

Conceito CAPES 4

Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil

Orientador: Prof (a). Dr (a). Elizabeth Nicolau Saad Corrêa

Palavras-chave: portais, jornalismo, internet, no-

tícias

Área: Comunicação, cibercultura, jornalismo

1991 – Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo (PUC-SP)

Orientador: Hamilton de Souza

Área: Comunicação, jornalismo especializado, jornal.

PROJETOS DE PESQUISA

Projetos desenvolvidos via grupo de pesquisa Comunidata/CNPq (<https://www.pucsp.br/comunidata>). O grupo Comunidata, fundado em 2015, e coordenado por mim, reúne pesquisadores multidisciplinares e interdisciplinares que investigam os impactos da tecnologia em áreas como o jornalismo, a educação, a fotografia, o cinema, o design e as mídias digitais.

Nosso campo de pesquisa parte da tecnologia, de sua influência e da comunicação que estabelece com a sociedade e, por este motivo, nossos pesquisadores são estimulados a lançarem seus olhares para as mudanças comportamentais aceleradas e desencadeadas pela sociedade da informação e seus fluxos incessantes e a aprofundarem seus estudos aos inúmeros meandros e situações que circundam os ambientes e o ser humano a partir da tecnologia e dos impactos que causa em nosso dia a dia.

Em 2016, lançamos nosso primeiro livro, *Comunicação digital na era da participação* (Editora Fi) em formato e-book. Com prefácio de Lúcia Santaella, nossa obra foi composta por artigos que traziam discussões que abordavam desde a hiper-mídia ganhando corpo social, o jornalismo em base de dados, a curadoria de conteúdo e o futuro das marcas, passando pela transformação da linguagem de vídeo para o Youtube, a leitura de telas, até o choque de gerações, o empreendedorismo digital e os financiamentos coletivos.

Minhas pesquisas em andamento

Descolonizar pelo afeto (Início, fev. 2022 – em andamento)

Desinformação não acontece só no exercício diário da política. Táticas usadas para reescrever a história são tão perigosas quanto as narrativas que hoje colocam em risco as democracias ao redor do planeta. "O conceito de raça que carregamos nada tem de biológico, mas é um conceito carregado de ideologia, fundamentado na relação de poder e de dominação", explica o antropólogo congolês Kabengele Munanga. Foucault dizia que o racismo é uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder. Inspirado pelos estudos de Foucault e pela metodologia de Bell Hooks, aplicada em sala de aula, este projeto de educação midiática antirracista no combate à desinformação, recorre ao uso de diários

como método de resgate da presença, além de discussões com base nos preceitos da Educação Midiática prevista na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O projeto contou com pesquisa Brasil-Espanha, cooperação mútua entre o professor doutor Víctor Amar, do Departamento de Educação da Universidade de Cádiz, na Espanha, e a líder do grupo de pesquisa Comunidata, profa. Dra. Pollyana Ferrari. O resultado da troca de diários online e conversas via Google Meet entre uma estudante de 22 anos do sul da Espanha e um estudante de 22 anos da PUC-SP estão relatados no livro *Descolonizar pelo afeto* (Ed. Veríssima, 2023). A pesquisa tem apoio da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD). Além do livro, a pesquisa prevê palestras e rodas de conversas entre entidades educacionais. A primeira roda de conversa acontece dia 19 de outubro no icônico Beco do Batman, em São Paulo.

Debate sobre Inteligência Artificial, desinformação e colonialismo com os convidados Walter Lippold, doutor em História, pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Fluminense e do Núcleo Reflexos de Palmares da Universidade Federal de São Paulo. É professor do Curso Uniafro da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador de colonialismo digital, história da tecnologia, cibercultura, hacktivism, a partir da obra de Frantz Fanon. É autor de *Fanon e Revolução Argelina (Proprietas, 2022)* e, junto com Deivison Faustino, doutor em sociologia e professor do PPGSSPS e do Núcleo Reflexos de Palmares da Unifesp, escreveu o livro *Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana (Boitempo, 2023)*.

Sérgio Amadeu, professor da UFABC. Integrou o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2017-2020). Autor de vários livros, entre eles, "Tudo sobre tod@s: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais". O encontro também vai contar com a presença de Jaqueline Lima Santos, doutora em Antropologia Social pela Unicamp e Harvard Alumni Fellow. Atua como professora, pesquisadora e consultora nas áreas de equidade, raça, gênero, diversidade, educação, infância e juventude, história e cultura afro-brasileira e africana. É Consultora do Projeto SETA.

“Descolonizar pelo afeto busca o encantamento, tornar o planeta mais digno e inclusivo, que exista para todos, e não apenas para alguns seres privilegiados pela renda e/ou pela cor da pele, algo

só alcançável pela via da Educação" (trecho do livro).

Descendentes de Eliza (início, fev. 2023 – término, dez. 2024)

A pesquisa coletiva do grupo Comunidata, envolvendo 18 pesquisadores entre doutores, mestres e professores da PUC-SP e convidados das universidades federais da Bahia (UFBA) e do Recôncavo da Bahia traz no título [Descendentes de Eliza] um termo cunhado pela pesquisadora norte-americana Janet Murray, no livro *Hamlet on the Holodeck* (Ed. Itaú Cultural, 2003), quando diz que todas as IAs que vieram depois da psicoterapeuta Eliza, desenvolvida em 1966, pelo matemático Joseph Weizenbaum, pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), são seus filhos.

Desde fevereiro de 2023 o grupo vem discutindo quinzenalmente os desdobramentos e desafios do uso da Inteligência Artificial generativa no trabalho, na escola, no design, no combate à desinformação, nas artes, entre outras áreas que sofrerão impacto. Em junho de 2023, o Vaticano lança seu próprio manual de ética de IA. Escolas já usam ChatGPT para correção de trabalhos de alunos – tudo em menos de um ano do lançamento do Chat GPT, criado pela empresa OpenAI.

“Há um consenso surgindo em torno de coisas como responsabilidade e transparência, com princípios que se alinham de empresa para empresa”, disse Ann Skeet, Diretora Sênior de Ética de Liderança no Markkula Center e uma das autoras do manual do Vaticano. O grupo, liderado pela pesquisadora e professora do TIDD, Pollyana Ferrari, está elaborando um livro, com pedido de fomento, via PIPEQ, de mesmo nome e também oficinas em escolas e palestras com duração prevista até dezembro de 2024.



Figura 1: Esboço gráfico para capa de livro criados por IA generativa.

BANCAS E CITAÇÕES

Nestes 23 anos de docência, foram 120 bancas de trabalhos de conclusão, entre Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Mestrado e Doutorado. As citações do Google Academics para P. FERRARI; POLLYANA FERRARI; somam 1265 citações (acesso em 10 de outubro de 2023). As maiores citações por ordem do algoritmo do Google são: 772 citações para Jornalismo Digital; 172 citações para Hipertexto, Hipermídia; 98 citações para Como sair das bolhas; 97 citações para A força da mídia social.

As demais citações e veículos podem ser acessados no link

<https://scholar.google.com.br/citations?hl=pt-BR&user=VY3WfS0AAAAJ>

Quatro exemplos de citações em regiões diversas: um periódico espanhol, um português, um carioca e outro no Rio Grande do Sul. Nuevas narrativas periodísticas entre la información y la simulación lúdica: los docuwebs y los newsgames. E Herrero-Curiel, AJ Planells de la Maza – Palavra Clave, 2020. Narrativas Jornalísticas Digitais nas Redes Sociais: Periódicos Brasileiros e Portugueses em Formato de Stories. ÉB Costa – 2020 – repositorio-aberto.up.pt. Fact checking: jornalismo de checagem da política midiaticizada. ECSF Clavery – Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em ..., 2015 – pantheon.ufrj.br Jornalismo e relevância: o discurso dos leitores dos jornais de referência no Facebook SC Dalmaso – 2017 – lume.ufrgs.br



Figura 2: Stanley Teixeira. *Timelink: um novo tempo para televisão aberta*. 2018. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Pollyana Ferrari. *Silvio Ferreira da Silva. Como chegamos até aqui: a migração da memória e os instrumentos de controle*. 2016. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Pollyana Ferrari.

Apresentação

2023

Colonialismo, IA e desinformação

Este memorial foi organizado para o concurso de Livre Docência na Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC-SP. Ele abrange atividades profissionais, de ensino, de pesquisa e extensão durante estes mais de 20 anos de docência. Em formato de ensaio, o leitor vai conhecendo um pouco a jornalista, a pesquisadora, a autora de poesias e apaixonada por Julio Cortázar e histórias não lineares.

Filha única de um casal de classe média. Cheguei à universidade na década de 1980, sonho que meus pais não conseguiram realizar, pois trabalharam desde muito cedo para se manter. Desde os 17 anos vivo em São Paulo, vindo de Piracicaba. Nestes 35 anos de jornalismo e 23 de docência e pesquisas sobre a mídia digital e sua relação com o humano, reli recentemente o último parágrafo do meu mestrado (2002) na USP.

“Hoje, me vejo relendo Cem anos de solidão e me descubro sem culpa por não acordar e correr para frente do micro; sinto vontade de deixar o celular desligado; acho que chat nenhum substitui um banho quente e um beijo do ser ama-

do. Enfim, ando refletindo sobre a terra.

***Afinal, alguém tem que plantar arroz,
enquanto outros navegam pela Web”.***

Sou pós-doutora em Comunicação pela Universidade Beira Interior (UBI) – Portugal, Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da (PUC-SP), desde 2012. Autora de 11 livros sobre comunicação digital, entre eles, *Como sair das bolhas* (2 edição, Educ, 2021), *Jornalismo Digital* (4 edição, Contexto, 2010), *A força da mídia social* (2 edição, Estação das Letras e Cores, 2015) e *Descolonizar pelo afeto* (Veríssima, 2023).

1970-1980

Voltando as origens

Aos 13 anos comecei a trabalhar na loja de roupas femininas que meus pais tinham no centro de Piracicaba. Meus dias eram divididos entre a loja, o colégio Salesiano Dom Bosco e o *Círculo do Livro*, onde era fã de carteirinha dos livros de Agatha Christie e Júlio Verne. *A volta ao mundo em 80 dias* era lido e relido com entusiasmo.

COMUNICAÇÕES DA VIDA ESCOLAR

Aluno: POLLYANA FERRARI TEIXEIRA

Ano letivo de: 77 em Série 2ª em 1.º grau

Matérias	AVALIAÇÕES				Soma ponderada	Média Anual	Média de Recup.
	1.º bimestre	2.º bimestre	3.º bimestre	4.º bimestre			
1 - Comum e Expressão	80	95	90	90	445	89	
2 - Integração Social	95	85	90	95	460	92	
3 - Ciências	90	90	95	85	440	88	
A - Iniciação às Ciências	90	90	100	90			
B - Matem.	90	90	90	80			
Comport.	13	13	13	13			
Total de Faltas	-	4	-	36			

1.º Resultado Final: Promovida

Result. após Recup.: _____

Piracicaba, 5 de Novembro de 1977

Pe. Afonso Feltrin

Pe. Afonso Feltrin
nº 100 - 03 N.º 4.104.744

• Deixe vir a mim as crianças,
porque delas é o reino do céu. •

Lembrança de minha primeira
comunhão, realizada na Capela
do Colégio Salesiano Dom
Bosco, no dia 18 de novembro
de 1978.

Pollyana Ferrari Teixeira

Série: 8/148 N.º 2

Comunidade - Indústria Brasileira

Figura 2: Boletim escolar do Dom Bosco e convite da Primeira Comunhão.

Aos 16 anos fiz um curso de datilografia no *Senac* e posso dizer que o amor pela Olivetti Lettera 82 portátil, uma máquina de teclas brancas e redondas mudou meu destino. Comecei a escrever histórias, poesias e a Lettera se tornou minha grande companhia. Foi dessa convivência que decidi que queria ser jornalista e estudar em São Paulo.

O ano de 1987 foi um marco para mim. Prestei vestibular para Jornalismo e tornei-me filha da PUC-SP. A mudança do ensino médio para a fase universitária foi uma das mais marcantes na minha vida. Eu demorei uns seis meses para perceber como minha vida tinha mudado radicalmente. Em uma noite fria de junho, por exemplo,

¹ Hilda Hilst foi uma das maiores poetisas deste país.

conheci Hilda Hilst¹ em um sarau de poesia promovido pelo pessoal do teatro. Vivia um momento rico da minha vida, dividida entre o curso de Jornalismo, que cursava na PUC, o curso de teatro no TUCA e o estágio no jornal *Porandubas*, veículo de comunicação da PUC na época. Em meio a esse turbilhão de coisas paralelas, ainda escrevia poesias. Elas brotavam em bloquinhos de papel que carregava no metrô, no ônibus.



Figura 3: A história de Torto arado, romance de Itamar Vieira Junior, teve suas 80 páginas iniciais escritas numa Olivetti Lettera 82. “Mas eu não tinha maturidade nem conhecimento para continuar com a narrativa e as páginas se perderam”, diz Itamar. Torto arado fala sobre uma realidade, inserida no interior do Brasil, que retrata de forma muito contundente problemas basilares que ainda enfrentamos relacionados à herança do patriarcado, a subserviência negra e a mácula histórica de séculos de escravidão.

A paixão pela PUC-SP foi logo no primeiro dia. E olha que a minha chegada foi pitoresca. Vinda do interior, acabei no prédio novo em uma sala do Direito. Isso porque eu era aluna de Jornalismo, mas entrei na sala errada, fiquei quieta, fiz pedágio na avenida Sumaré, fui parar no bar, com os veteranos, e só lá percebi que estava no curso errado, que meu prédio era do outro lado da rua Monte Alegre, lá na extinta COMFIL, hoje rebatizada de FAFICLA.

Pelos corredores comecei a exercitar a percepção e ver tipos bem ecléticos, pois toda Universidade tem suas tribos e na PUC-SP não era diferente. Logo percebi que as meninas da Psicologia

eram as mais requisitadas pelos garotos de todos os cursos – talvez fosse o estilo das saias longas e as batas displicentes. Fiz grandes amigos na biblioteca. Eu estudava pela manhã, estagiava no *Porandubas* à tarde e ainda fazia teatro à noite.

Participar do grupo do TUCA me fazia sonhar com Hamlet, melhorar a voz em aulas de canto, pensar em outras seqüências que Zeffirelli pudesse ter colocado em seu “Romeu e Julieta” e promover grandes discussões no finado Docas². Tudo ao mesmo tempo, que discutia, com o coletivo do curso de Jornalismo, a nossa escolha pelo personagem “Benevides Paixão”, do cartunista Angeli, como patrono do nosso Centro Acadêmico; enquanto em outros diretórios acadêmicos, Wladimir Herzog era homenageado. Hoje, vejo que a dualidade que me fazia ser companheira de militância, por exemplo, nas RADs – Reuniões Abertas Deliberativas, também me fazia irreverente e apaixonada pelos fantásticos personagens da tira “Chiclete com Banana”, de Angeli.

² Docas. Extinto bar da rua Monte Alegre, quase esquina com a rua Bartira, onde uma geração de estudantes de Jornalismo da PUC-SP tomou muita cerveja, namorou, derrubou coordenações de curso, discutiu a evolução das Diretas na construção da democracia brasileira, entre muitos outros assuntos. O lugar era sujo, desprovido de charme, o banheiro engorurado, nem conseguíamos abrir a torneira da pia. Mas nada disso importava.

Início de 1990

Do *Porandubas* saltei para o jornal DCI e fiz grandes descobertas como repórter – tudo registrado em reportagens escritas durante as madrugadas na Lettera 35. Também fazia *free-lancer* para o jornal de tecnologia *Datanews*, da IDG, e lá conheci o primeiro modelo de microcomputador IBM-PC, modelo XT, que rodava o sistema operacional DOS e era comercializado pela empresa Cobra. Logo me apaixonei pelo equipamento e decidi guardar dinheiro para comprar um para mim.

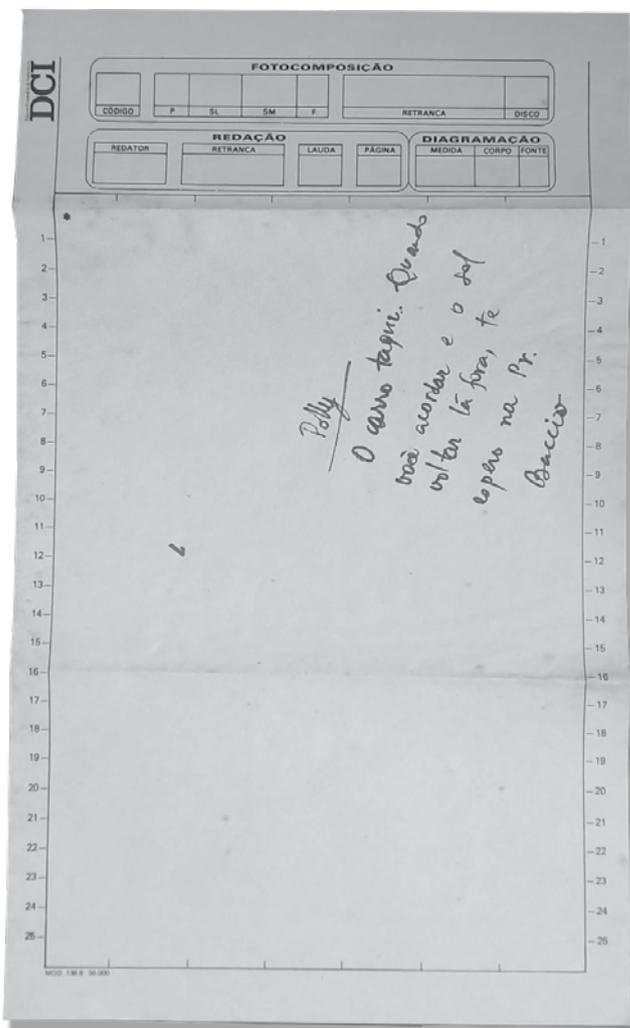


Figura 4: Lauda do jornal DCI, meu primeiro emprego como repórter. Na anotação, escrita à mão em verde, relembro um bilheto do meu companheiro Maurício Bonas, que me ensinou a escrever e partiu muito cedo em 2019.

A partir de contados com engenheiros de software e de hardware, durante as entrevistas para o *Datanews*, conheci Aleksandar Mandic, um engenheiro da *Siemens* que desejava criar um BBS (Bulletin Board System), espaço online para troca de conhecimentos e bate-papo pela internet. Sempre fui curiosa e desbravadora e em alguns meses tornei-me a terceira mulher a fazer parte da MANDIC BBS. Eu, que desde os 18 anos me acostumei a ler Marx e achar respostas para as minhas inquietações em Marcuse e Baudrillard, vi na difusão da Internet um dos vários portais para se chegar à inteligência coletiva do final do século XX.

Quantas noites mal dormidas conversando com a psicoterapeuta Eliza, primeira personagem totalmente computadorizada criada em 1966, por Joseph Weizenbaum, professor de Ciência da Computação do Massachusetts Institute of Technology (MIT). “Segundo o Instituto de Pesquisas Laboratório de Políticas Públicas e Internet (Lapin), o termo Inteligência Artificial (IA) foi cunhado logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, em um workshop no Dartmouth College (New Hampshire, EUA), organizado em 1956 pelo matemático e cientista da computação John McCarthy.

O evento reuniu os maiores cérebros no desenvolvimento da IA, muitos dos quais trabalhavam com o matemático e criptógrafo estadunidense

Claude Elwood Shannon (1916-2001), da Universidade de Michigan, que ficou conhecido como “o pai da teoria da informação”. Do outro lado do Atlântico, um dos maiores estudiosos do tema era o cientista inglês Alan Turing (1912-1954)”, explica trecho publicado no Jornal da Ciência³ da

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

³ Disponível em <http://www.jornaldaciencia.org.br/a-ciencia-e-a-inteligencia-artificial/>



Figura 5: print de tela do chatbot Eliza.

Eu passava minhas noites interagindo com Eliza. Ela foi uma febre nos BBS. Chegava em casa e antes mesmo de tirar o sapato, ligava meu maravilhoso XT, com disquetes de 5 1/4 , chamava

Eliza e começava a seção de terapia online. Era a dualidade de uma marxista que também virava às madrugadas no IRC, em grandes bate-papos sobre o Brasil democrático e as propostas de Jung para decifrar nosso subconsciente, outra paixão que aprendi a estudar em minhas seções de terapia, que fiz por quase uma década.

O salto para trabalhar como repórter no jornal *O Estado de S. Paulo* aconteceu na esteira das dis-

4 Com o objetivo de criar uma indústria local e obter tecnologia de ponta, o Brasil viveu entre 1977 e 1991, uma política de reserva de mercado de informática. A falta de coordenação, instrumentos eficientes e eficazes para atingir tais objetivos fizeram com que não se chegasse ao efeito esperado. A importância da abertura do mercado de informática, a partir do início dos anos 1990, demonstra que o protecionismo não mais encontrava espaço no mercado.

discussões sobre a abertura do mercado de informática⁴ que travávamos na MANDIC em mensagens de texto, comentários e bate-papo online no moderno sistema operacional DOS. Comecei a escrever reportagens para o jornal como colaboradora e em 1991 já estava na redação. Vivíamos o final da reserva de mercado de informáti-

ca e no mesmo ano, junto com o jornalista Luciano Martins, criei a primeira coluna sobre BBS no jornalismo impresso brasileiro. O caderno *Informática*, depois rebatizado de *Link*, vivia seu tempo de glória. Fechávamos uma média de 24 e até 64 páginas semanais com reportagens sobre tecnologia.

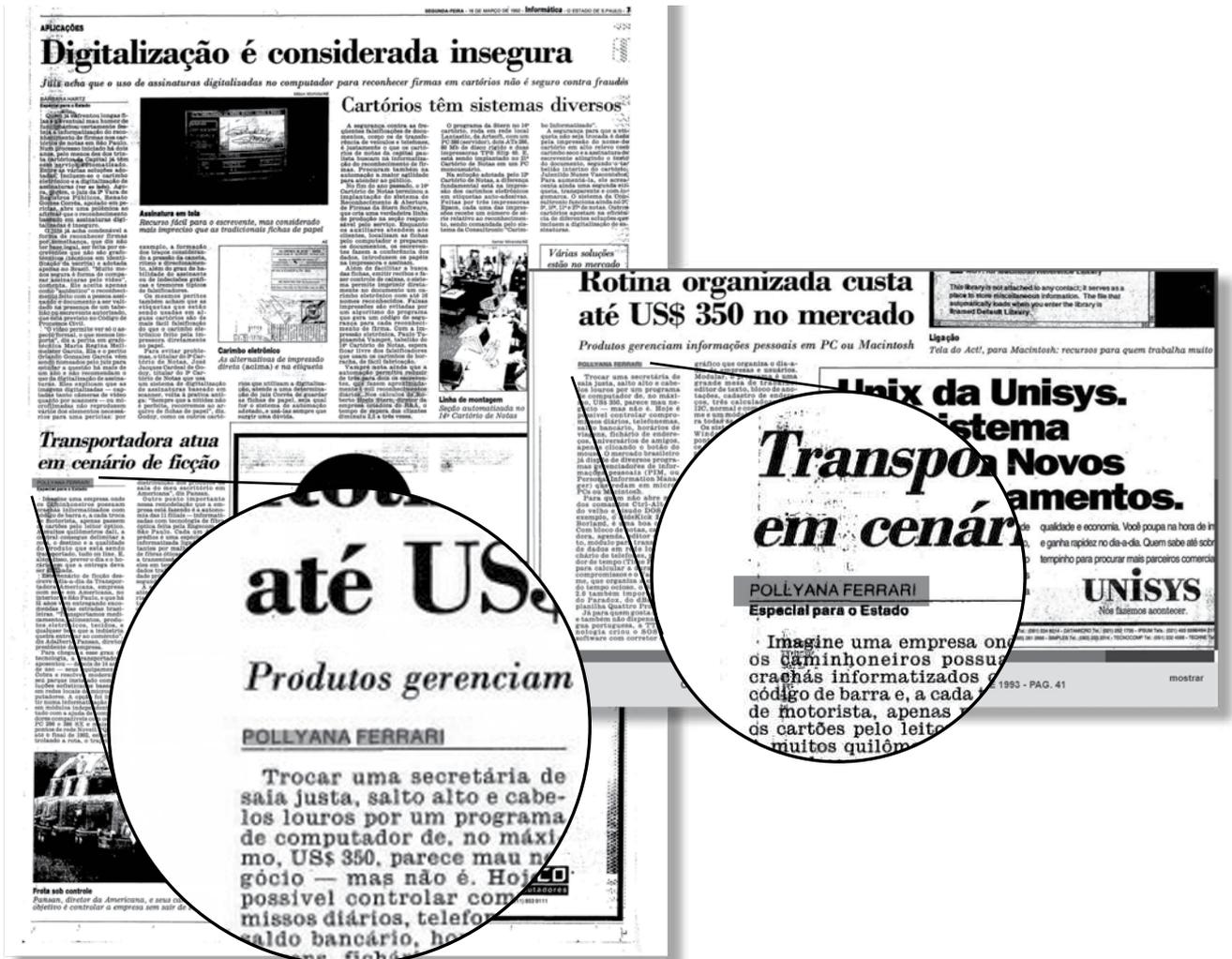


Figura 6: dois exemplos de reportagens de Pollyana Ferrari, publicadas no Estadão no início dos anos 90.

Fui repórter, redatora e editora-assistente do caderno *Informática*. Em 1994 consegui meu primeiro endereço eletrônico com amigos que trabalhavam na Escola do Futuro, na USP. Ter um endereço de e-mail era algo muito moderno e desafiador. Cobri ao vivo para o jornal o nascimento do sistema operacional Windows 95, com Bill Gates anunciando a novidade por videoconferência no Memorial da América Latina, em São Paulo. E presenciei como a recém-nascida World Wide Web (WWW) começava a conquistar milhares de usuários no Brasil. Fui pelo *Estado de S. Paulo* para Sausalito, Califórnia, cobrir a chegada

do sistema AutoCAD para Windows, que na sua versão 10, trazia toda a capacidade de processamento do moderno IBM-PC 386. Entrevistei o pesquisador da IBM Jean Paul Jacob, considerado um dos gênios da informática.

Ele dizia que “a multimídia será para os anos 90 o que o PC foi para os anos 80: grande propulsor das inovações tecnológicas”. Cobri o primeiro seminário sobre Inteligência Artificial no Brasil com o PhD em matemática Marvin Minsky, entre outras reportagens.

Em 1996, eu e um sócio montamos a primeira incubadora de sites do mercado brasileiro, a Polipress. Na época, chamávamos de agência de notícias. Precoce, o empreendimento acabou não se viabilizando financeiramente, mas criamos websites que foram referência na época, como o da Telesp Celular, antiga Telefônica. Website da MANDIC, revista .net, que discutia a recém-chegada internet gráfica, Brasoft Games, entre outros clientes. Se tivesse nascido cinco anos depois possivelmente eu teria ficado rica. Mas aprendi muito. Passava as madrugadas digitalizando e reduzindo as imagens no software Photoshop, da Adobe – tudo na mão, pixel por pixel, brilho por brilho. No mesmo ano nasceram os portais UOL e ZAZ, hoje Terra, e com eles a Internet ganhou força e visibilidade.

Correspondente nos EUA

Em 1997 fui morar nos Estados Unidos, mas especificamente em São Francisco, e trabalhar como correspondente da IDG, cobrindo as novidades do Vale do Silício na Califórnia. A mudança ocorreu com toda a família. Rafael, o caçula, com apenas cinco meses e Lucas com cinco anos. Não foi fácil para um casal de jornalistas enfrentar uma rotina diferente com duas crianças pequenas. Mas pude vivenciar a ascensão da banda larga, já que todas as casas eram cabeadas e me deslumbrar com a rapidez do acesso e as novidades oferecidas pela AOL, que dominava o mercado de Internet no final dos anos 1990.

Em paralelo fui colaboradora da revista *Byte*, publicada no Brasil pela editora Rever. Enquanto morava em São Francisco cobri várias feiras como a *MacWorld*, lançamento de programas de computador e também eventos de tecnologia. Em uma das reportagens mais marcantes, fui para San Diego cobrir um Congresso sobre “Medicine Meets virtual Reality” onde se discutia o uso do VMET (The Virtual Medical Trainer), para simulação em 3D de procedimentos médicos emergenciais em um hospital. Foi uma época de imenso aprendizado.

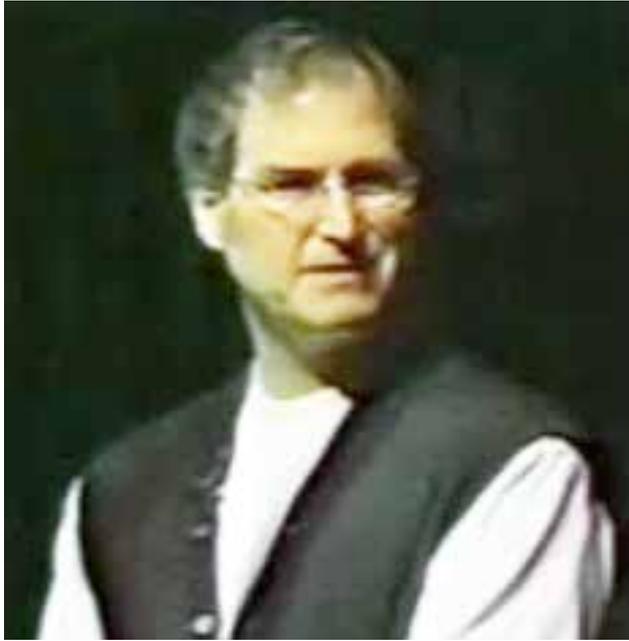


Figura 7: Steve Jobs durante MacWorld em 1997.

O ano de 1998 foi um marco na minha carreira. Fui chamada, enquanto ainda estava nos Estados Unidos, para editar o website da revista *Época* que nasceria logo depois, em 22 de maio de 1998. Tive o prazer de, com uma equipe mínima, aprender na prática como se faz um website de revista vitorioso. Fomos a primeira revista semanal a colocar a página na Internet com noticiário diário e a fazer o *crossover* de mídias, com a matéria de capa “Leia e Ouça”, em 21 de novembro, o que nos rendeu 3 páginas no *Le Monde* e uma coluna inteira do ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*, além de várias entrevistas para pesquisadores acadêmicos interessados em discutir a convergência midiática.

Em meio ao turbilhão de pautas e coberturas de uma revista semanal na Internet, comecei a perceber – na prática – que o jornalismo ganhava um papel muito mais social, de promoção da cidadania a partir do avanço tecnológico do século XX. Estávamos presenciando ao vivo o nascimento de uma Cultura da Convergência vitamizada pelo surgimento da WWW.



Figura 8: Capa da revista Época.

Resolvi que estava na hora de voltar ao banco escolar e prestei concurso para fazer mestrado na ECA-USP. Em 1999 tornei-me mestranda em Ciências da Comunicação. Vivíamos a “bolha da Internet” em 2000. A dissertação de mestrado, intitulada “Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil” (2002) teve objetivo de analisar os três maiores portais brasileiros sob o ponto de vista da usabilidade e exercício do jornalismo. Nesse ano a Internet grátis no Brasil também me pegou. Fui chamada para ser diretora de portal e cuidar de todo o conteúdo do IG. De lambuja ganhei o IG Serviços, o primeiro portal de serviços da Internet brasileira, e o IG Papo, com sua jornada de dez convidados diários, sete dias por semana. Nunca aprendi tanto sobre jornalismo online, hierarquias e investidores. Devo ao IG a mudança de 180 graus na minha vida profissional e a escolha do tema “portal” como objeto de estudo e pesquisa acadêmica no mestrado. Respirei, dormi e acordei com essa palavra na cabeça enquanto estive no IG e tocava ao mesmo tempo o mestrado, entre lições

dos filhos pequenos, que muitas vezes eram feitas dentro da redação do IG



Figura 9: O mascote do portal IG

2002

Mestre em Ciências da Comunicação pela USP

Em 27 de maio de 2002 tornei-me mestre em Ciências da Comunicação, Área de Concentração: Jornalismo, Mercado e Tecnologia, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com a dissertação “Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Bra-

5 Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teixeira-pollyana-exercicio-do-jornalismo.pdf> acessado em 05 de

sil”⁵. Em minha dissertação, que investigou o formato portal e sua relação com o Jornalismo Digital, eu estava interessada em saber como as diferenças de arquitetura entre os públicos de um portal afetavam a sociabilidade, a identidade e a edição jornalística. Avaliei os três maiores portais brasileiros (UOL, Terra e Globo) para saber como a usabilidade pode ajudar a criar websites campeões de audiência. Todas as minhas proposições convergiram para mostrar a formação de empresas informativas, com investimentos massivos em tecnologia, conteúdo e serviços.

Em paralelo resolvi prestar, em 2000, concurso para docente na PUC-SP. Já havia ministrado duas turmas de Jornalismo Online na ECA-USP como PAE (Professor Auxiliar de Ensino) e tinha adorado dar aula e trocar conhecimentos com os alunos. Começava aqui meu plano de sair de redação e tornar-me docente. Em fevereiro de

2001 comecei a ministrar Edição Jornalística e Jornalismo Online na PUC-SP onde estou até hoje.



Figura 10: Jornalismo Digital ganha versão ampliada e revisada em 2010. Seis anos depois, Comunicação Digital na era da Participação (Editora Fi, 2016) avança nas pesquisas do digital.

“Você percebe que está imerso no mundo virtual quando, ao dirigir seu carro em direção ao supermercado, ouve pelo rádio a notícia de um acidente com um avião na pista do aeroporto e, imediatamente, estaciona para ligar do celular para o plantonista da redação. Dita a notícia que anotou naquele bloquinho sempre à mão e

indica uma visita aos sites de trânsito para verificar se a área foi isolada. Em seguida, pede para pôr a nota no alto da tela, olhar a concorrência e também preparar uns hipertextos sobre acidentes aéreos com o resumo dos mais graves nos últimos anos. Aproveita e solicita ao *design*, que domina a tecnologia flash, para criar um infográfico multimídia explicando o que aconteceu. E ainda avisa que, se o assunto crescer é só ligar que você vai correndo para a redação”. O trecho acima faz parte do livro “Jornalismo Digital”, que escrevi durante o mestrado e publiquei em 2003 pela editora Contexto. Com a publicação da obra, tornei-me referência no campo do jornalismo no suporte digital. A abrangência dos conhecimentos compartilhados no livro está presente em mais de 700 artigos científicos, tornando-se bibliografia básica adotada nos cursos de Jornalismo no Brasil.

A disciplina Narrativas Jornalísticas Online, que eu ministro anualmente na PUC-SP desde 2001, visa percorrer um caminho explicando como chegamos aqui com leituras que passam por Manuel Castells, Jesús Martín-Barbero, Byung-Chul Han, Lucia Santaella, entre outros pensadores, além de trabalhar com conteúdos criados especificamente para suportes digitais. Respirando Jornalismo há uma década percebi que não conseguiria trabalhar 15 horas por dia num portal e ainda me dedicar à academia. Saí do IG e fui ser edito-

ra-executiva do programa Vitrine, na TV Cultura. Com um programa semanal consegui abraçar novas turmas na PUC-SP. Trabalhar com o jornalista Marcelo Tas também enriqueceu meu currículo, pois ganhei uma bagagem televisiva que não tinha.

Nascia em 2002 o curso de Multimeios na PUC-SP, projeto pedagógico focado nas mídias digitais e no audiovisual. Fui convidada para ministrar as disciplinas Hipertexto III e Hipermissão IV. As turmas exercem uma problematização interessante, pois utiliza a não-linearidade, principal processo utilizado pela hipermissão, já que não é preciso parar ou dar seqüência a qualquer ação, pois é possível acessar qualquer outro conteúdo saltando de camada, para ensinar as novas aventuras da hipermissão que se apresentavam como promissoras.

Marshall McLuhan dizia que o progresso tecnológico iria transformar todo o planeta, reduzindo-o às proporções de aldeia. Quando o leitor deixa de ser passivo e começa também a gerar e transmitir conhecimento em rede, a aldeia global faz mais sentido. Estamos vivenciando na web a mesma adrenalina dos grandes navegadores como Colombo. Comecei a me interessar pelas Teorias da Recepção e resolvi mergulhar nas leituras sobre cognição e narrativas multimídia. Em 2004, mesmo ano do surgimento do GMail, com

1GB de caixa de entrada disponível para os usuários entrei no doutorado na ECA-USP.

Fui apresentada a Gilles Deleuze pelas mãos do artista plástico e designer gráfico Julio Plaza quando fazia doutorado na USP. Um dia ele me disse “você precisa ler Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*”. Curiosa, fui direto para livraria da Edusp e descobri que existiam alguns volumes. Não linear como sou, comprei primeiro o volume 4 para iniciar a imersão. Comecei a ver “raízes” em tudo que clicava na web e em uma madrugada, como em tantas que passei para escrever o doutorado e como estou passando para escrever a tese de Livre Docência, veio o título da tese “A rizomática aventura da hipermídia”, defendida em 2007 na ECA/USP.

O que busquei na pesquisa de doutorado foi mapear de que forma as narrativas hipertextuais estão mudando a democracia digital com seus rizomas. O anônimo ganha poder de emergente. Um emergente solitário, mas sem solidão, e a aventura da web segue um roteiro não linear, bem aos moldes propostos por Borges, Manovich e Gibson.

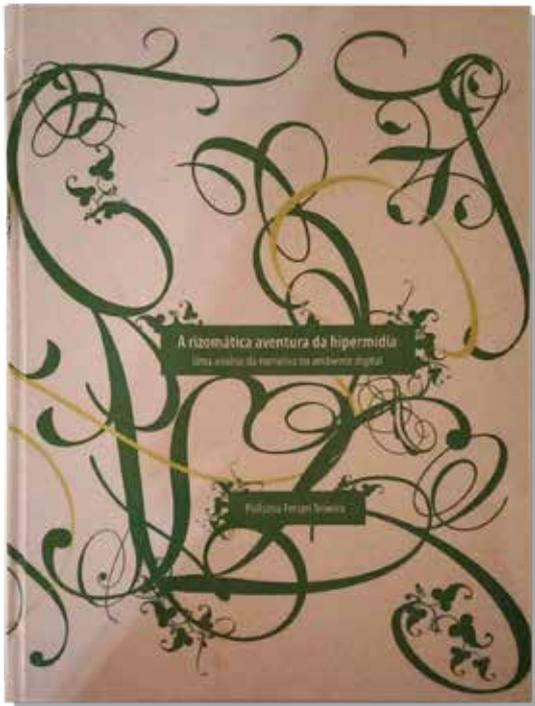
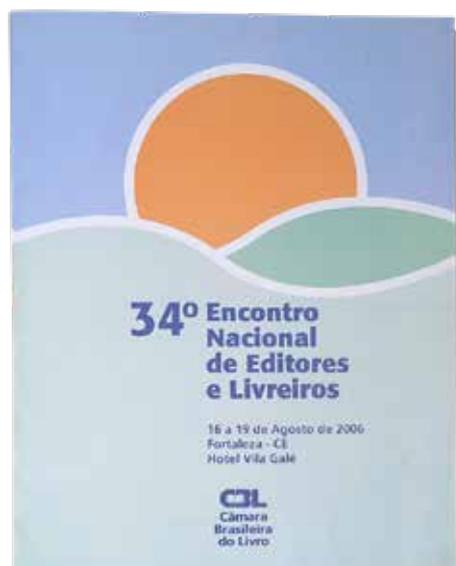


Figura 11: Tese de doutorado defendida em 2007 na USP e disponível para download em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-06052009-143113/pt-br.php>.

Depois do Jornalismo Digital, um dos primeiros livros acadêmicos sobre o exercício da profissão no formato digital e adotado até hoje em grande parte dos cursos de Jornalismo do Brasil, a editora Contexto me convidou a organizar a obra *Hipertexto, Hipermidia*.

Figura 12: Participação no 34º Encontro Nacional de Editores de Livreiros da Câmara Brasileira do Livro (2006), onde debati o Jornalismo Digital.



O que muda na postura e no dia-a-dia do profissional da informação na era digital? Ao cidadão ávido por informação bem apurada, o suporte importa muito menos que ter a notícia ao alcance das mãos, onde e quando precisar. E, de preferência, com um grau de interatividade impensável há poucos anos. Na era digital, tanto o acesso à informação quanto a relação do público com ela, está mudando rapidamente.

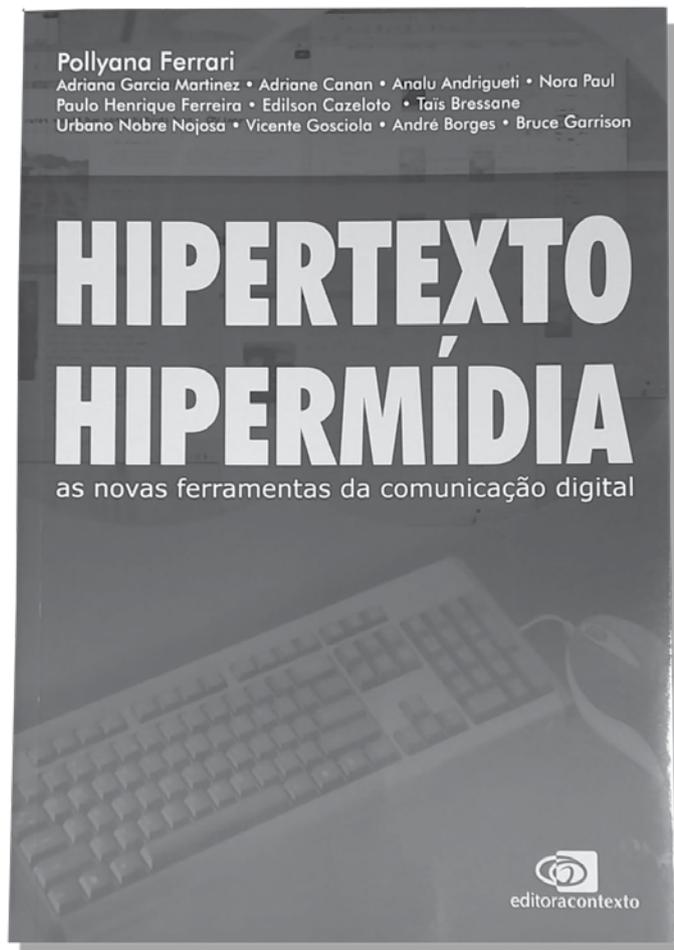


Figura 13 Capa do livro *Hipertexto, Hipermídia*

Remix Narrativo

No doutorado desenvolvi o experimento inédito Remix Narrativo, um banco de dados em PHP, linguagem de *script open source* de uso geral, muito utilizada, e especialmente adequada para o desenvolvimento web e que pode ser embutida dentro do HTML. Colaboração era a chave do projeto, inaugurado em 16 de setembro de 2005, com a pretensão de correlacionar o que chamamos, durante toda a pesquisa do meu doutorado na Universidade de São Paulo de *A rizomática aventura da hipermídia*, com narrativas estruturadas em forma de rizoma, um ambiente orgânico, quase biológico. Ele foi construído em um ambiente multiusuário participativo de troca de narrativas, sejam elas em formato texto (poesias, contos, folhetins, histórias cotidianas, urbanidades), formato imagético (fotografias, ilustrações, vídeos, recortes) ou formato comunitário, como listas de discussão, comunidades, newsletters por e-mail. Quase um irmão mais novo do Twitter, que chegou logo depois.

Fui convidada a participar da Campus Party Brasil (CPBR) — primeira edição brasileira, que ocorreu em 2008, em São Paulo. Reuniu cerca de 3,3 mil campuseiros, de 18 países, entre os dias 11 e 17 de fevereiro, no prédio da Bienal de São Paulo, para interagir com os expositores e visitantes, apresentando a pesquisa do doutorado.



Figura 14: Crachá de participação da Primeira Campus Party Brasil.

Em meio as aulas na graduação, nos cursos de Jornalismo e Comunicação e Multimeios, aulas na pós-graduação lato sensu (COGEAE), também era docente da UNIFIEO, em Osasco, onde lecionei por 7 anos nos cursos de Jornalismo e Design. O ano de

2012 marca minha entrada como docente no programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) e também no MBA de Gestão da Comunicação Empresarial, oferecido pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE), em parceria com a ESEG (Escola Superior de Engenharia e Gestão), com foco no desenvolvimento de narrativas online que criem valor para a organização, por meio de uma comunicação digital mais efetiva e ética.



Figura 15: Crachá de professor do MBA da ABERJE e print de tela do website do programa TIDD.

Neste mesmo ano, lançamos eu e o diretor Paulo Murilo Fonseca o documentário Transcrever (2012), projeto audiovisual que traz um panorama das transformações dos meios de comunicação expondo histórias e opiniões sobre a relação dos homens com a tecnologia. Através de vídeos e textos apresentamos as mudanças ocorridas com suportes midiáticos enfatizando a passagem dos livros impressos para a realidade fluída dos tablets. O consumo de livros nos Estados Unidos se dá principalmente por meio da Internet, através do uso de diversos tipos de tablets, como o Kindle e o iPad. A venda de e-readers cresceu 164,8% no ano de 2010, segundo a Association

of American Publishers, que reúne as principais editoras dos EUA. A mobilidade tornou-se a tônica de 2011, segundo estudo da TMT Predictions com executivos de grandes empresas.

Segundo Darnton, o Google vem digitalizando milhões de livros pertencentes aos acervos das principais bibliotecas de pesquisa, incluindo muitos ainda protegidos por copyright, e disponibilizando os textos para buscas on-line. Este projeto, conhecido como Google Book Search, detonou uma ação judicial movida por um grupo de autores e editores alegando que a empresa estava violando seus direitos autorais. (...) Como será esse futuro? (DARNTON 2009: 21).

Lucia Santaella, Helóisa Buarque de Hollanda, Luli Radfahrer, entre outros entrevistados, narram suas experiências com o livro. O documentário foi exibido na TV Cultura e Canal Brasil, tendo alguns episódios disponíveis no YouTube.

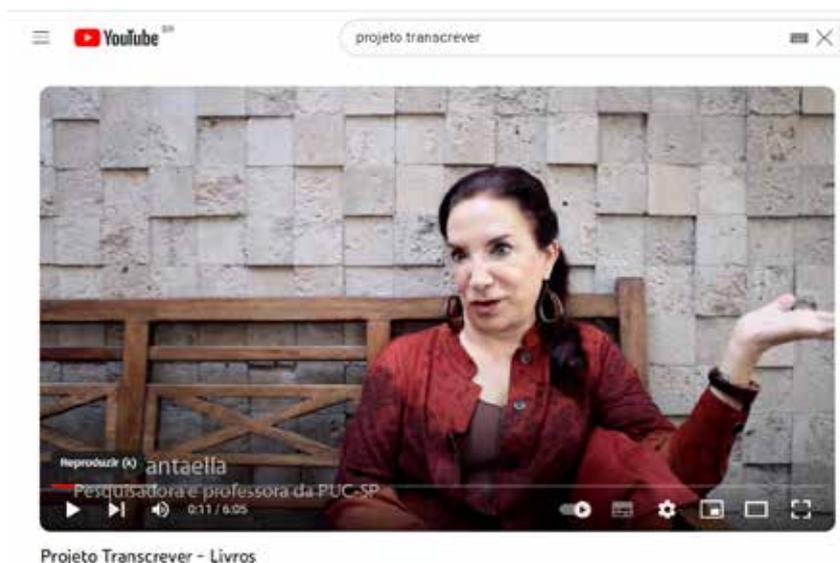


Figura 16:
printscreen de tela
do documentário
Transcrever (YouTube).

Sociedade remixada.

Como entender a constelação de relacionamentos, sentimentos, informações e desejos que circulam em fluxos nas mídias sociais? As divagações (wandering) podem ser percebidas nas postagens do Facebook, nos grupos do WhatsApp, nos blogs, ou em tuites de 140 caracteres. Recorremos à filosofia, à cognição, à tecnologia da informação e à sociologia para tentar mapear essa narrativa orgânica e remixada. Em constante mutação, ela carrega a mudança social como uma textura.

A sociedade mudou e a comunicação é um agente fundamental para construção de memória e sentido nesse novo contexto social. Por ora, teremos como comunicadores, de nos concentrar em propor melhorias para promover o uso da não-linearidade, cuja cognição ocorrerá conforme a bagagem cultural e signica de cada leitor. Com as pesquisas do doutorado, além de artigos, produzi dois livros: *A força da mídia social* (2010) e depois 2 edição ampliada e revisada em 2015, pela editora Estação das Letras e Cores.

“Essa é uma história com um protagonista solitário: o narrador, aquele *flâneur* benjaminiano que passeia pelas avenidas recolhendo pistas, histórias, fragmentos de fatos, de imagens. É também um estudo sobre que tipo de escritura remixa-

da está sendo construída na web. “Até mesmo as páginas mais comuns na internet podem ser exploradas geograficamente. Tanto o recente *Street View* quanto clássicos aplicativos *Google* estabelecem uma convenção para marcar determinado tipo de informação (...). Porém, uma esquina em uma grande cidade pode muito bem ter uma centena de links interessantes: histórias pessoais, resenhas sobre novos bares de moda próximos a essa esquina, alguém com quem se possa marcar um encontro que mora a três quarteirões de distância, uma preciosidade escondida em uma livraria (...)”, nos diz Steven Johnson no livro “O mapa fantasma”, um livro capaz de narrar a história de uma tragédia urbana na Londres de 1854 em formato de thriller científico. O livro *A força da mídia social* apresenta uma simetria entre jornalismo e hipermídia”. (trecho extraído do livro).

No ano anterior lancei, com Fábio Fernandes, *No tempo das telas* (Ed. Estação das Letras e Cores, 2014). No livro, o personagem ficcional Joaquim não deu conta do sociedade em fluxo. Tentou a camiseta do Mandrake, o tênis AllStar vermelho, saltou do jornal impresso para o portal, mas acabou namorando uma boneca inflável. Ele dizia que lidar com o *látex* era mais fácil do que com as mulheres de verdade. Triste metáfora dessa granularidade nunca alcançada. Muitos jornalistas como Joaquim ainda perambulam nas reda-

ções de grandes jornais e revistas. Pesquisadores sem brilho no olhar passeiam nos congressos; publicitários tentam saltar do anúncio dos portais para as timelines do Instagram. Engenheiros civis que tentam pensar na logística das metrópoles, mas nunca conversaram com um bike ativista, por exemplo?



Figura 17: Capas dos livros *A força da Mídia Social* e *No tempo das telas*.

O encantamento da sala de aula.

Descobri no estágio docente, que realizei na ECA/USP, durante o mestrado, que adoro a sala

de aula. Existe uma magia naqueles olhos brilhantes de quem nasceu recentemente. Nesta troca, sempre aprendo mais do que ensino. Por isso, não largo a graduação, principalmente os calouros ávidos por narrativas. Entre muitos projetos felizes em sala de aula, muitos transmidiáticos – oriundos das disciplinas Hipertexto, Hipermissão (Multimeios) e Narrativas Jornalísticas Transmissão (Jornalismo) –, cadeiras que ministro desde 2006, tanto no curso de Multimeios, como de Jornalismo, vou reproduzir aqui uma experiência muito rica, até registrada depois no livro *A força da mídia social*.

A partir da década de 1990, vários cineastas optaram por roteiros não-lineares, entrecortados e recheados de *flashbacks*. Um gênero que procura captar os encontros, desencontros numa eterna negociação entre os personagens e cidade grande. O que procuro desenvolver em sala de aula é uma releitura capaz de transformar os filmes em jogos, labirintos, novas histórias, *wallpapers*, quadros pintados em bites de 0 e 1 – numa mutação sem formato pré-definido, que explore a cognição individual de cada aluno.

“Em 2007 recorri, por exemplo, ao filme, Vanilla Sky, como exercício de hipermissão. Primeiro, sentamos quietos e assistimos a película, depois discutimos, seguindo o modelo lacaniano de terapia

em grupo, o que o filme representa para cada um. Procuro anotar os relatos em blocos de papel que sempre carrego comigo. As sensações dos alunos vão desde paixão à primeira vista, repugnância, não entendimento e incapacidade de relatar para o outro o que sentiu. Ou mesmo dificuldade em descrever em cinco palavras quais são, por exemplo, as emoções que o filme passa (amor, ódio, medo, angústia, morte). A disciplina de Hipertexto, Hipermídia presente no curso de Multimeios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é normalmente ministrada para alunos de terceiro ano, o que nos faz chegar a um universo de jovens entre 19 e 21 anos, em média”.

Vanilla Sky, lançado em 2001, é um *remake* de *Abre Los Ojos* (abra seus olhos), de 1997. Tom Cruise é David Aames, um rico egocêntrico que acredita que a vida de todo mundo gira em torno de si. Penélope Cruz vive a personagem Sofia Serrano, o grande amor de David, que também tem um romance com Cameron Diaz, no papel da deslumbrante Julie Gianni. Manhattan abriga as principais locações do filme que passa por diversos

pontos de interesse da cidade, incluindo a Times Square, o Central Park, a *Brooklyn Bridge*, a ponte que une Manhattan a Brooklyn, entre outros pontos. O amargo e o doce do amor, criogenia, passado, subconsciente e futuro se misturam num jogo de imagens fractalizadas da realidade do protagonista David Aames, tornando-os ingredientes detonadores de processos criativos, ou seja, estímulos.

Os exercícios, que começaram com releituras de filmes, chegaram a propostas que partem, inicialmente, da escuta de músicas, para posterior leitura coletiva em voz alta da letra e desembocam em projetos temáticos que brincam com a letra resultando, por exemplo, em futuros games. Grande coqueluche entre os alunos, os projetos que geram games também podem estimular a criatividade e a cognição com exercícios simples como, por exemplo, distribuir cartões postais publicitários (Mica) para os alunos, sendo que cada pessoa recebe um cartão diferente (escolhido aleatoriamente pela docente). Após a interpretação da imagem, cada aluno tem um período de duas horas para produzir uma história a partir da sensação “detonadora” que surgiu ao olhar a imagem. Numa fala de Picasso, percebemos como este processo cognitivo da criação pode ocorrer:

***“Uma vez pintei certa paisagem inter-
minável: colinas, escarpas, mar, árvores
e sei lá que mais. A certa altura, na mi-
nha linha de visão apareceu um peixe.
Pintei-o com muito cuidado, avidamente.
No fim, reparei que tudo [sic] o resto não
tinha nem um pouquinho de importância
para mim. O que eu queria era pintar
precisamente este peixe. Porém, não sa-
beria como ver esse peixe isolado”.***

Alguns estudantes, inicialmente, se precipitam e dizem, sem pensar, que não conseguirão produzir uma imagem ou narrativa apenas ouvindo uma música ou narrando sensações a partir de postais. Assistir ao videoclipe da cantora Érika Machado, por exemplo, no Youtube, foi de fundamental importância para ambientar os alunos no universo da cantora, dar proximidade e intimidade entre o objeto da análise e o leitor. E pode ser encarado como um recurso didático auxiliar, como o velho retro-projetor.

As experiências com letras de músicas e produções visuais deram tão certo que resolvi utilizar a letra “Secador, maçã e lente”, também de Érika Machado para uma produção tátil de murais coletivos – colagens gigantes em papel que depois serão transportadas para o digital. O exercício previa que os jovens só poderiam trabalhar com

imagens, sem recorrer ao uso do recurso textual, tentando reproduzir o conceito do “leitor imersivo, virtual”, que havia visto em classe com a discussão do capítulo 1: Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imerso, extraído do livro *Navegar no ciberespaço*, de Lucia Santaella.

Para ela, “é certo que o leitor da tela guarda certos traços de semelhança com o leitor da antiguidade. Como no livro em rolo, o texto corre verticalmente, lá, ao ser desdobrado manualmente, aqui na tela que corre sob a pressão de um botão. Também como o leitor do livro impresso, o leitor imersivo pode utilizar referências como a paginação, o índice e o recorte do texto. Não obstante esses traços de semelhança, o leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza”.

A letra “as coisas”, de Érika Machado e Cecília Silveira, foi escolhida por sua capacidade agregadora de sensações: o gelado do sorvete; a azedo do limão, ao mesmo tempo, que palavras como janela, tela, tênis, vidro, olho e palavrão, desempenharam uma função de start criativo. Todos

nós temos um impulso detonador, capaz de, a partir de determinados estímulos, gerar outros produtos. Clarice Lispector dizia que a “criação nunca começava por uma palavra ou por uma idéia. Era uma espécie de sentimento em mim que partia em busca dessa palavra ou dessa ideia. Qualquer palavra, qualquer ideia.”

as coisas

*as coisas querem sorvete
maçã, banana, limão
as coisas querem ser coisas
que na verdade não são*

*algumas coisas eu compro
as outras penso que não
as coisas todas as coisas
exercem alguma função
deve haver pra tudo isso
alguma explicação:
janela, tela, tênis, vidro, olho e palavrão.
deve haver pra tudo isso
alguma explicação:
janela, tela, tênis, vidro, olho e palavrão.*

*Há coisas que são bem grandes
Mas cabem nesta canção
consigo por numa frase*

*girafa, amor e avião
algumas coisas eu vejo
e outras eu finjo que não
as coisas, todas as coisas
de volta agora no refrão
no nosso ponto de vista,
as coisas vão melhorar
Erika Machado*

“Percebi na prática, que apenas o uso do software Adobe Photoshop como ferramenta para criação é muito limitador, já que alguns alunos possuem uma habilidade manual muito rica, o que me fez expandir os suportes: recortes, fotografias, papel cartão, cola, tesoura, giz de cera, grafite etc. Teve aluno que levou até girafa de brinquedo para criar uma textura na produção, enquanto ouvíamos “as coisas” várias vezes no *repite*, criando um fluxo sonoro que ajudava e estimulava a produção criativa”. (trecho extraído de *A força da mídia social*).



Figura 18: Girafa de pano.

Durante 2017 e 2018 fiz meu pós-doutorado com o professor Dr. João Manuel Messias Canavilhas, Vice-Reitor para Ensino, Internacionalização da Universidade da Beira Interior, em Portugal. Tendo sido aprovada no Pós-Doutoramento em Comunicação e Artes, no âmbito do qual levei a cabo a investigação sobre “Fake News, pós-verdade e o consumo de notícias”. A pesquisa resultou em três artigos em revistas indexadas, dois capítulos em livro e o livro *Como sair das bolhas* (Educ, 2018), com 2 edição ampliada e revisada em 2021.

“Demorei 15 dias para organizar cognitivamente meu ser e incorporar uma rotina de relatos proustianos anotados em bloquinhos de papel que iam me organizando, seja para dar conta do verão europeu – com suas temperaturas médias em torno dos 40 graus Celsius –, seja para aquietar a minha mente agitada de uma paulistana acostumada a viver entre 20 milhões de pessoas na grande São Paulo. Meu corpo também demorou 15 dias para se acostumar com a sopa, principal prato português, servido como entrada, tanto no almoço como no jantar, mesmo no verão, 7 dias por semana. Depois desse período, pedia a minha todos os dias. Já sinto saudade do “bum dia” (com u) que todos te dizem pela manhã nas calçadas com apenas duas pessoas caminhando, contando comigo”. (trecho extraído de *Como sair das bolhas*).



Figura 19: Capa do livro *Como sair das bolhas* (Educ, 2018) à esquerda. *Big Data e Fake News na sociedade do (des)conhecimento*. Carlos Toural, Gabriela Coronel e Pollyana Ferrari (Orgs.). (Ria, 2020), à direita. A tradicional relação entre a sociedade e a notícia se transformou, especialmente com o advento da web 2.0, que levou a todos a possibilidade de construir os seus próprios espaços midiáticos e disponibilizar conteúdos. Sem um olhar crítico, possibilitou o agravamento de algo que sempre existiu: a notícia mentirosa.

Desinformação e outros males

“A pós-verdade ganha verbete nos dicionários Oxford, em 2016, depois da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e a votação do Brexit, na Inglaterra. Quando apelos emocionais são mais eficazes para mobilizar a opinião pública do que a verdade, riscos enormes ameaçam as sociedades democráticas. Outra faceta da pós-verdade é o avanço do consumo, pois momentaneamente nos deixa calmos e saciados, mas essa sensação é frugal. Logo queremos consumir mais”.

“Estamos num momento de mutação.

Estamos mudando cognitivamente como seres humanos e como formato de sociedade: só para citar alguns exemplos que puxam essa mudança: a questão de gênero, das novas famílias homo afetivas, do trabalho administrando plataformas e a liquidez das relações afetivas (têm se mais bichos de estimação do que filhos, algo impensável há 30 anos). (...) Torne as coisas simples e trate os outros como gostaria de ser tratado. É o primeiro passo para derrocar a pós-verdade. Troque desejos por fatos. Fatos viram história. A tecnologia avança numa escala sem pre-

cedentes na história da humanidade, e essa mudança causa um choque estrutural muito grande, pois o tempo fluxo vai transformando tudo” (trecho publicado no livro *Fluido, fluxo*).



Figura 20: Folder de lançamento do e-book Fluido, fluxo durante o congresso ABCIBer em Juiz de Fora.

Em meio a pandemia de Covid-19 (2020, 2021 e 2022), com grandes perdas de vidas, entre elas, minha mãe, minha madrinha e o amigo André Russo, que ganhou homenagem do projeto PUC

CHECK, idealizado primeiramente pela indignação em relação ao estrago que as desinformações relacionadas à Covid causaram aos brasileiros, depois pelo dever democrático de passar o conhecimento adiante. Junto ao grupo de Pesquisa Comunidata/CNPq, que lidero desde sua fundação em 2015, e conta com 25 pesquisadores participantes, entre alunos de Iniciação Científica, mestrandos, doutorandos e pesquisadores de outras universidades brasileiras, colocamos em prática a rede de checagem.

A PUC CHECK tem como objetivo oferecer cursos gratuitos de alfabetização midiática contra fake news para os alunos da PUC-SP, todos em parcerias com entidades de combate à desinformação, sendo um projeto interdisciplinar e extensionista que dialoga por quatro anos com disciplinas como Checagem de Fatos, Narrativas Online e com produções práticas dos alunos na AGEMT, agência de notícias do curso de Jornalismo.

Como projeto experimental e extensionista do curso de Jornalismo da PUC-SP, a PUC CHECK procura fomentar esta relação espacial com o mundo, por meio da presença em atividades de checagem de fatos; oficinas e debates entre estudantes e comunidade, promovendo projetos de extensão universitária de combate à desinformação.

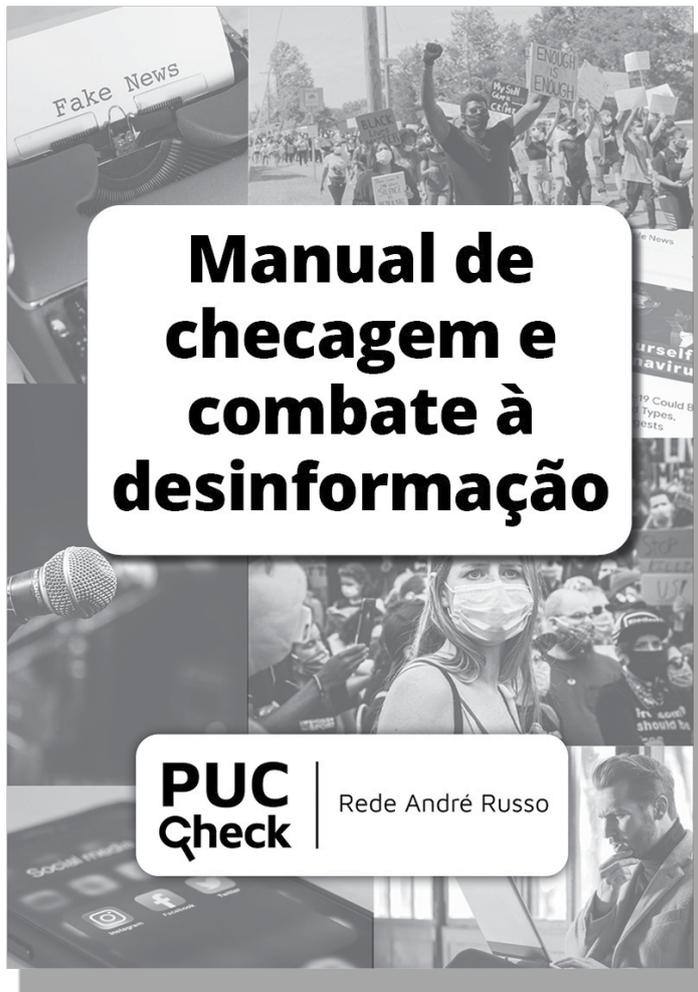


Figura 21: Manual
PUC CHECK.

Lucia Santaella nos diz em *Flagelos da desinformação* (Educ, 2023) que “as questões da pós-verdade como resultados da disseminação das fake news responsáveis pela desinformação têm sido amplamente estudadas em nível nacional e internacional com ênfase nos malefícios que provocam na opinião pública, na cidadania e especialmente nos processos democráticos sadios”. Livro que tive o prazer e escrever o primeiro capítulo, batizado de “FactCheck.org e Educamidia no PUC CHECK”.

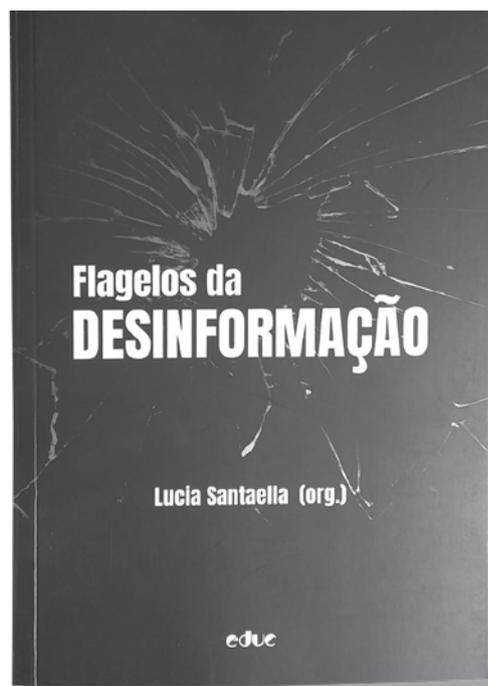


Figura 22 Capa do livro *Flagelos da desinformação*.

Desinformação não acontece só no exercício diário da política. Táticas usadas para reescrever a História são tão perigosas quanto as narrativas que hoje colocam em risco as democracias ao redor do planeta. Uma delas, entre tantas — das que causam mais polarização e sofrimento — é a história que aprendemos na escola e que constrói um belo caminho de melhoria das condições do negro no século XIX no Brasil rumo à abolição. Graças aos novos estudos sobre escravidão e racismo desenvolvidos desde meados do século passado, sabemos que o discurso do apaziguamento racial pré-abolição foi uma falácia planejada pela elite e pela mídia da época. Foucault dizia que o racismo é uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder.



Em outubro de 2023 lanço o livro *Descolonizar pelo afeto* (Ed. Veríssima). Afeto, substantivo masculino, sentimento terno de afeição por pessoa ou animal.

*Figura 23: Capa do livro *Descolonizar pelo afeto*.*

Como gostamos de café, pode ser antes do almoço, quando íamos passear no shopping, mercado ou missa. E na estrada, era engraçado, rodávamos meia hora e já parávamos para um café. Você me dizia: “logo aparece um Frango Assado”. Tudo era motivo para um café, que podia ser coado, fraco, forte, expresso ou com leite. Desde pequenininha tomava café contigo, nunca gostei de leite. Mesmo você tendo partido em 2021, ainda celebro cada café contigo, sempre te referendando, mãe.



Figura 24: Aceita um cafezinho, mãe?